

O PANORAMA.

JORNAL LITTERARIO E INSTRUCTIVO

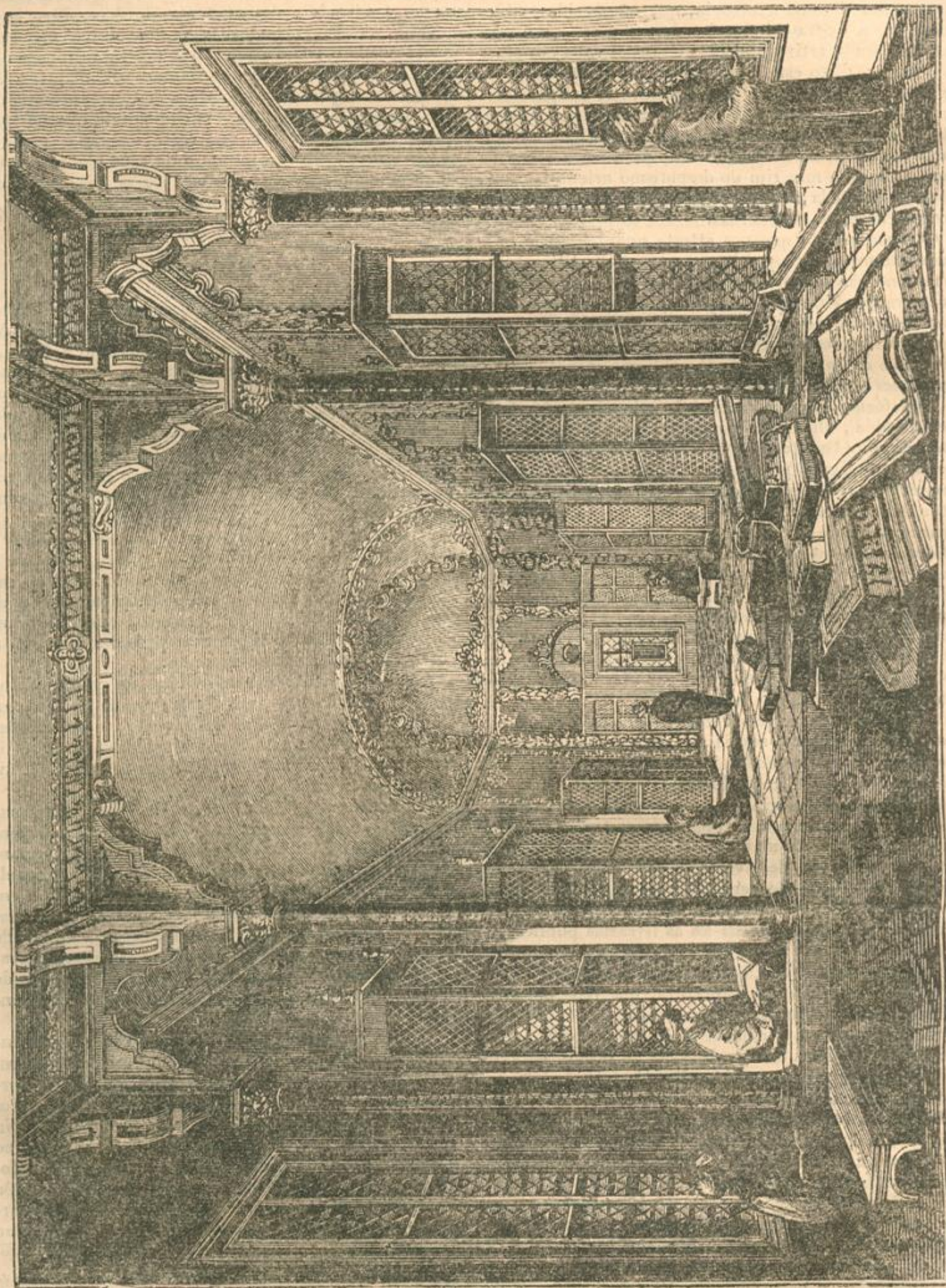
DA

Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Uteis.

PUBLICADO TODOS OS SABBADOS.

(MARÇO 3, 1838)

44)



LIVRARIA PUBLICA EM CONSTANTINOPOLA.

LIVRARIAS EM CONSTANTINOPOLA.

ENTRE os christãos corre vulgarmente a idéa de que é ponto de fé para os musulmanos que devem ser ignorantes. Tal preceito não ha no alcorão; antes pelo contrario, Mafoma não só permittiu, mas até aconselhou aos seus crentes que se dessem ao estudo, e buscassem adquirir erudição. "Procurae-a, lhes diz elle, ainda que tenhaes de ir á China." — Tanto approvava Mafoma a sciencia, que não duvidava affirmar que a tincta do tinteiro de um sabio, e o sangue de um martir são cousas de igual valia aos olhos de Deus: dicto este, em que ou ha muita extravagancia, ou muitissima philosophia. Os caliphas sarracenos, e os primeiros sultões turcos eram protectores das letras; e se hoje os turcos são ignorantissimos, não se ha-de lançar a culpa disso á conta da sua religião, mas sim do despotismo oriental, que, bem como toda a casta de tyrannia, tem por alicerce a ignorancia das turbas.

O monumento que nos attesta quanto caso e estima faziam os antigos soberanos turcos da litteratura, é a fundação das *Kitab-Kanés*, ou livrarias publicas, nas grandes cidades do imperio, ou estabelecendo-as adjunctas ás mesquitas e collegios, ou á parte, como instituições distinctas. Só em Constantinopola ha trinta e cinco, não contendo nenhuma menos de 1000 manuscriptos, e havendo em algumas mais de 5000.

Da fórma interior destas bibliothecas se póde fazer cabal idéa, olhando para a estampa que precede este artigo. Quanto ao seu conteúdo diremos que, o grosso dos livros, com rarissimas excepções, é de manuscriptos, e a sua fórma lá se vê naquelles que estão deitados no chão. Todos são enquadernados em carneira verde, vermelha, ou preta, e andam mettidos n'uns estojos da mesma casta de couro, para os preservar da poeira e da traça. O titulo da obra, em vez de ser escripto no lombo do livro, é-o no topo das folhas, por onde estas se abrem, como entre nós se usava nos primeiros tempos da impressão, e tambem anda escripto no mesmo lado do estojo. — Os volumes estão empilhados nas estantes, que são fechadas com vidraças ou redes.

As bibliothecas estão abertas todos os dias, á excepção das terças e sextas, e aos curiosos se faculta qualquer livro, podendo extrair delle o que bem lhes aprouver, ou até copia-lo todo. A maior parte das obras são de theologia ou de jurisprudencia, estudos a que principalmente se applicam os turcos. Os manuscriptos são do mais fino pergaminho, e ás vezes feitos com letra de labores subtilissimos. Em todas estas bibliothecas ha seus catalogos, que diariamente vão augmentando; porque qualquer particular que tem livros costuma herda-los ás livrarias publicas.

Haverá alguns annos que era opinião corrente que nas bibliothecas de Constantinopola haveria alguns fragmentos da antiga litteratura, que tivessem escapado á destruição feita pelos turcos no 15.^o seculo, quando tomaram a cidade. No anno de 1799, mandando os inglezes uma embaixada ao sultão, encarregaram de ir examinar isto o Dr. Carlyle, que foi em companhia do embaixador, lord Elgin. Este Dr. Carlyle, que era homem entendido, e professor de arabe, deu busca ás principaes bibliothecas de Constantinopola, esmiuçando principalmente a do serralho, onde entrou por altissima mercê do grão-senhor. Esta bibliotheca apenas continha 1294 manuscriptos, e todos arabes, persas, ou turquescos, sem que apparecesse um só latino, grego, ou hebraico. A livraria do patriarcha grego de Jerusalem foi tambem examinada, e nada continha que despertasse a curiosidade, apesar de ser a maior de todo o imperio.

Neste trabalho o Dr. Carlyle foi ajudado pelo Dr. Hunt; e em summa todos assentaram que em nenhuma destas vastas collecções havia um unico fragmento classico dos auctores gregos e latinos. Esta tristissima declaração ainda, comtudo, não quebrou os animos dos eruditos. Muitos observam, e com razão, que não era possivel examinar, em tão pouco tempo, e sem ver miudamente cada um dos volumes, se nelles havia ou não algum fragmento, ao menos traduzido, dos auctores classicos. Mr. Renouard, celebre orientalista inglez, julga não ser desarrasoado o pensar que talvez nos subterraneos do serralho haja ainda alguns volumes da affamada livraria dos imperadores christãos de Constantinopola. Mr. Barthold, trugimão, ou interprete que foi naquella cidade, contava que certo mercador grego, pessoa grave, víra no thesouro do grão-senhor, aonde fora chamado para avaliar varias joias, alguns volumes da livraria dos Paleologos [1].

AMIANTO.

O AMIANTO é uma das mais singulares produções da natureza: este mineral composto de elementos de pedras mui duras, apresenta pelo arranjo e disposição das suas moleculas a apparencia de um corpo formado de fibras vegetaes. Com effeito, a contextura do amianto, o seu luzir algum tanto semelhante ao da seda, e a facilidade com que as suas feveras, por extremo finas, dobradiças, e elasticas se podem separar, fazem com que o comparemos ao linho ou á seda. Ha-o côr de perola e cinzento, e tambem pardo-escuro, verde, e preto; mas destas cores é raro.

Divide-se o amianto em varias especies, a saber: — flexivel, duro, e ligniforme. A primeira especie é a mais propria para tecidos, que tanto melhores serão, quanto mais flexiveis e compridas forem as suas feveras: o duro é-o tanto, ás vezes, que póde fazer riscos n'um vidro; o ligniforme parece-se ora com a cortiça, ora com lascas de lenha.

Acha-se amianto nas montanhas de granito d'Inglaterra, na França, nos Pyrenéus, na Saboia, na Corsega, nas visinhanças de Tarento, e nos montes Urals da Siberia: este tem a singularidade de se tirar compacto das pedreiras, e tornar-se macio e flexivel apenas se expõe ao ar.

No nosso paiz, já em 1789, o Dr. Vandelli recomendava o explorassem, noticiando que o havia juncto a Bellas nas fendas do basalto [que constitue grande parte das formações á roda de Lisboa], e igualmente em Murça [2]. Ha-o tambem no Brasil, e em abundancia no districto de Minas-Geraes, d'onde nos veio uma amostra delle, haverá cincoenta annos, de que falla o mesmo naturalista. Este amianto do Brasil é duro e quebradiço. O que ha nas cercanias de Lisboa é do flexivel; porque, segundo diz o Dr. Vandelli, parece-se com o papelão.

O amianto era genero de grande valia para os antigos, que usavam delle para fazer teas, em que involviam os mortos, que costumavam queimar, porque, sendo o amianto incombustivel, as cinzas dos corpos se não confundissem com as da fogueira. Na obra *Antiguidade Explicada* do douto benedictino Montfaucon, se lê que em 1702 se descobriu em Roma uma urna de marmore, em que estava uma téa de amianto de seis pés de comprido, e cinco de largo, que parecia um panno de estopa, mas que ao

(1) Os Paleologos eram certa familia que reinou em Constantinopola nos ultimos centos annos do imperio grego.

(2) Em Murça ha tambem, segundo o mesmo naturalista, minas de chumbo, de antimónio, e de molybdeno. — A extracção destes tres mineraes e do amianto daria proveito a qualquer companhia que para isso se formasse.

tacto era macia e corredia como seda. Tinha dentro ossos queimados. Depositaram-na na bibliotheca do Vaticano.

Como os antigos mandavam vir da Persia o amianto por alto preço, o costume de queimar os corpos, involtos nesta materia, só corria entre pessoas abastadas. Tão caras eram as teas de amianto, que Plinio as considerava como feitas só para os reis. As mais finas serviam para fazer toalhas e guardanapos que, nos grandes banquetes, os convidados atiravam ao lume para os limpar: também dellas se faziam torcidas para as alampadas. Plinio não sabia que o amianto era um mineral, e por isso o põe entre as substancias vegetaes, chamando-lhe *linho vivo*. Compara o seu valor ao das perolas finas, e accrescenta que nos desertos escaldados da India este linho se prepara aos raios ardentes do sol para depois poder resistir ao fogo. O naturalista romano segue narrando outras invenções para concluir a sua novella.

Nos tempos modernos o amianto tem sido de novo examinado; e costumam muitos designa-lo pelo nome de asbesto: outros querem que este constitua apenas uma especie de amianto. O que é indubitavel é que elle tem a propriedade de resistir ao fogo, ainda que todas as vezes que o mettem no lume perde parte do seu pezo, e que até chega a derreter-se no crisol, ficando como vidro negro.

A Snr.^a Perpentí fabricou, ha annos, em Italia, pannos, papel, e até renda de amianto; e no Instituto de França se apresentou um livro impresso em papel por ella fabricado.

Os preparos necessarios para tornar util o amianto são mui simplicies. Consistem em lava-lo em agua limpa para lhe tirar a terra ou outras partes heterogeneas. Depois de bem secco, divide-se em molhos, que se esfregam e raspam ao de leve; estende-se então, pegando-lhe pelas extremidades, e puxando para os lados. Ao passo que as feveras assim puxadas, se desligam umas das outras, o amianto se desfia todo, saindo os fios de uma excessiva brancura, e cinco, oito, ou dez vezes mais compridos do que o pedaço de amianto, donde se tiraram. Estes fios que se achavam enovelados nas feveras grosseiras, como os fios da seda nos casulos, podem então servir para tecer qualquer casta de tea, sendo primeiro passados pela carda on sedeiro, como o algodão ou o linho.

Os fios pequenos servem para fazer o papel, que se fabrica do modo ordinario, só com a differença de substituir o amianto ao trapo. Para encorpar este papel usa-se de cõlla ou gomma, dissolvidas em sufficiente porção d'agua, correndo ao de leve uma esponja, molhada nesta dissolução, por cima de cada folha, passando-as pelo cilindro depois de seccas, para lhes tirar qualquer dobra ou ruga que tenham.

O papel assim preparado é bom para se escrever ou imprimir, usando-se de tinta composta de magnesia e de sulphureto de ferro: esta tinta, tanto no impresso como no escripto, resiste á acção do fogo.

O papel de amianto póde ser utilissimo para documentos de grande importancia, como titulos de bens, e actos publicos. Em algumas partes se tem servido delle para fazer fornos portateis de experiencias &c.

Podia-se usar com proveito da tã de amianto para fazer camisolas aos homens que forem acudir aos incendios, e que precisem de entrar nos aposentos onde já houver chammas.

Consta-nos que também ha quem se tenha servido do amianto, misturando-o com barro, para fazer louça, o que provavelmente dará a esta a propriedade de resistir mais ao calor do fogo.

ORDENS MONASTICAS NOS TEMPOS ANTIGOS.

Do ESTADO de relaxação, e desenfreamento, a que tinham chegado os frades no 15.^o seculo, já nós mencionámos uma prova curiosa quando fallámos do mosteiro de Paço de Sousa, e do abbade Fr. João Alvares [*]. Mas os antigos documentos nos offerecem muitas mais; e nos historiadores as achamos também, da audacia e soberba que os monges ajunctavam aos seus vicios: e podemos affoutamente affirmar que os frades do nosso tempo eram modelos de virtude e de sciencia comparados com seus rudes e dissolutos antecessores.

D. Fr. Alvaro Paes que floreceu no seculo 15.^o e que tão celebre foi por seus extraordinarios talentos, e pela sêveridade do seu procedimento, faz, no livro que intitulou *Do Pranto da Egreja*, uma triste descripção do estado de desordem e immoralidade a que tinham chegado os regulares de ambos os sexos; e ainda que, como suspeita o illustre escriptor o Sr. João Pedro Ribeiro, elle fallasse talvez dos outros paizes, contudo ha, por outra parte, sobejas provas de que as suas palavras eram applicaveis também a Portugal.

Já no reinado de D. Affonso 2.^o a audacia monastica tinha subido a tal ponto, que o prior dos dominicos, Fr. Jueiro Gomes publicava leis civis e criminaes, por sua conta, e sem consentimento d'elrei, o qual se viu obrigado a impor graves penas a quem quer que as executasse. Deste successo faz menção o historiador Fr. Antonio Brandão, e, o que mais é, diz que D. Affonso escureceu com isto o fim do seu reinado: como se fosse um crime espantoso o não consentir em que os frades legislassem em logar do monarcha e das côrtes, a quem isso incumbia; embora, como alguém pretende, estas leis se dirigissem contra os dissidentes da egreja catholica, ou contra os mouros e judeus.

No já citado artigo ácerca do mosteiro de Paço de Sousa vimos o como allí viviam os monges, quando Fr. João Alvares o reformou: as desordens daquella casa eram communs ás outras que os beneditinos tinham naquelle districto, o que se póde ver nas cartas do mesmo reformador.

Ainda que os documentos dos tempos antigos, sobre esta materia, sejam mais escaços, contudo ha um notavel do mosteiro de Pombeiro [de Bentos] pelo qual consta que sendo nomeado para abbade d'elle um frade bernardo, os monges o não quizeram reconhecer, porque, além da outros motivos, era um homem dissoluto e gastador. O novo abbade concluiu summariamente a contenda, mandando enforçar um dos monges em frente do mosteiro. Porfim os frades se concordaram com o abbade, sendo posto fóra o forneiro, que fóra quem servira de carrasco. Passou-se este caso pelos annos de 1215.

No reinado de D. Diniz requeriam as freiras publicamente a elrei lhes legitimasse os filhos, declarando em seus requerimentos quem era o pae, ainda no caso de ser este ecclesiastico.

Em côrtes celebradas em Evora, segundo Viterbo, no anno de 1411, e que nós cremos serem as de 1391, se faz uma pintura medonha do estado de dissolução a que tinha chegado a clero tanto secular como regular, pedindo os povos a elrei providenciasse no caso. Abi se mencionam os conventos ou associações que havia, á maneira de mosteiros, mas sem pertencerem a ordem alguma, e que só serviam de capa á corrupção e á immoralidade.

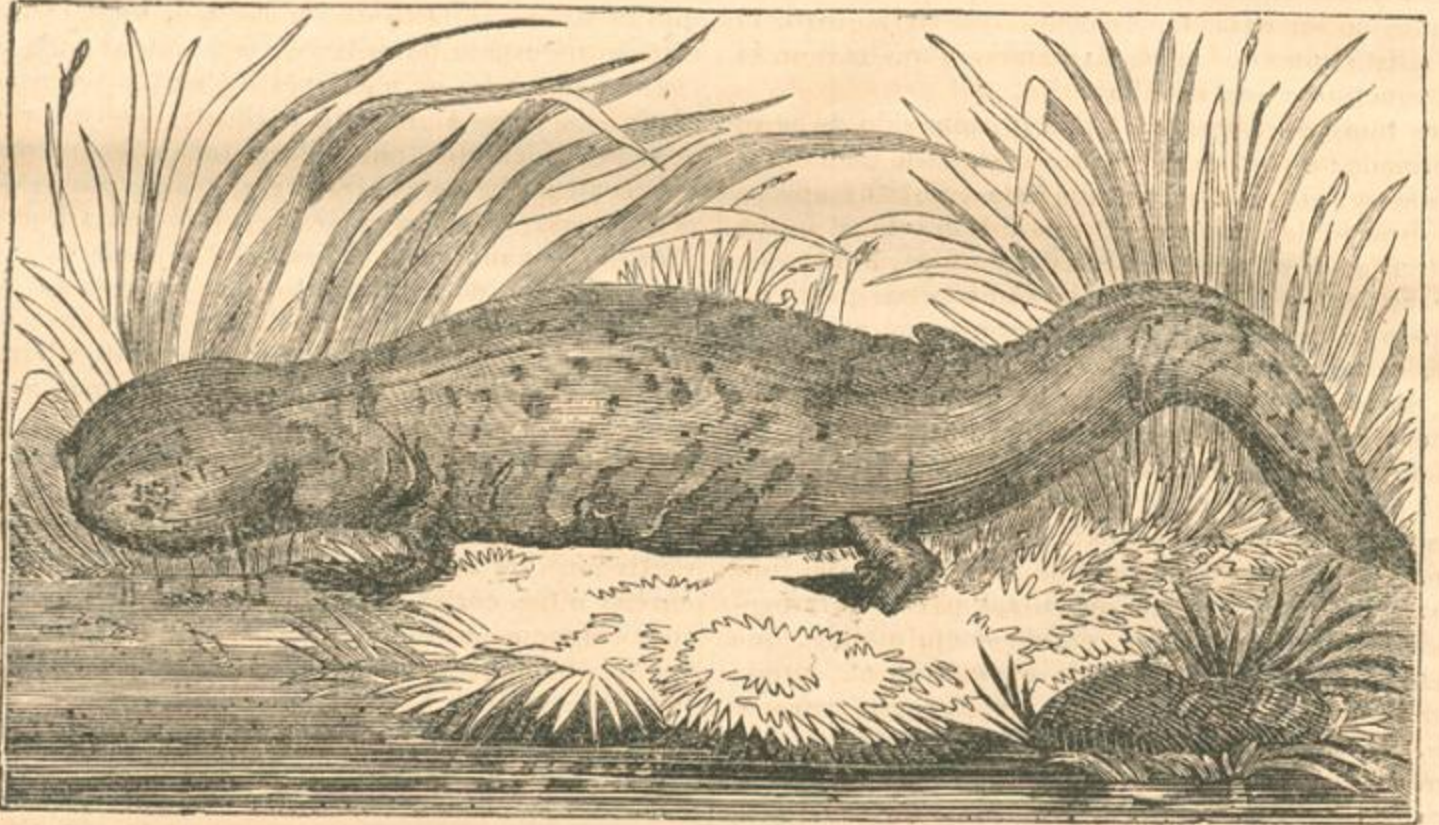
Qual esta era se pode conhecer de um facto acontecido em Recião, no 15.^o seculo. Era abbadessa deste convento uma certa Clara Fernandez, havendo no

(*) Nun. 13 do Panorama pag. 101 do 1.^o volume.

mosteiro mais duas freiras. Ligou-se a abbadessa com uma dellas, e disfarçadas com trajos de homem mataram a outra. Clara Fernandez passou a Santarem, onde casou; e matando dahi a pouco o marido, invocou o seu foro ecclesiastico como abbadessa, e sendo remettida ao bispo de Lamego, em cuja diocese ficava Recião, foi absolvida, e restituída ao seu cargo.

Ainda no tempo d'elrei D. Manuel, estas desordens dos claustros proseguiram no mesmo estado. Naquelles tempos ainda para as freiras não estava estabelecida a restricta clausura. Extinguindo-se alguns conventos nos bispados do Porto e Lamego, foi exceptuado o de Vairão, porque alli se observava a clausura restrictamente não podendo sair fóra nenhuma das freiras do mosteiro, salvo a abbadessa e a procuradora.

Concedendo certo bispo licença a uma freira benedictina para viver onde lhe parecesse, em attenção á sua muita virtude e honestidade, lhe passou uma provisão, na qual se dão os seguintes motivos para a concessão da licença outorgada: — “porque temos sabido, e por experiencia visto, que se algum mosteiro ha da dicta ordem de bom viver, é tal, que ella não póde alcançar sua vivenda, ou por ser em outros reinos, ou por della quererem receber o que ella não tem: pois que os deste bispado, e do arcebispado [era o de Braga] notorio é como vivem, e quão pouca religião nelles ha, onde por ventura ella tornaria atraz do seu bom viver e nome.” — Tal era o estado das ordens monasticas ainda no principio do seculo dezeseis.



SALAMANDRA GIGANTE.

SALAMANDRA GIGANTE.

[*Salamandra gigantea.*]

QUANTO mais fóra do alcance da curiosidade estão os objectos, tanto mais gosta o homem de lhes attribuir qualidades maravilhosas, ou, pelo menos, de exaggerar as que na realidade possuem esses entes, de ordinario pouco conhecidos. Os prodigios são o pasto da imaginação; e o homem quer dar exercicio á sua credulidade com toda a plenitude; parece-lhe que não é senhor della livremente, quando a submette ás leis da razão; e assenta que só a desfructa, e domina, quando a nega caprichosamente á realidade, ou a presta ás mais absurdas chimeras. Não póde porém exercitar este imperio de sua fantasia, senão quando a luz da verdade reflecte de muita distancia nos objectos desta crença arbitraria, e mal os deixa distinguir; ou quando o espaço, o tempo, ou a sua natureza especial os apartam de nós. Eis-aqui porque sendo innumeraveis as fabulas sobre todos os ramos da historia natural, se olharmos só para as que dizem respeito aos animaes, de todas as ordens destes nenhuma tem gerado tantas patranhas, como a numerosa familia dos lagartos. A repugnancia que inspiram pela sua fórma externa, os longinquos paizes onde muitos vivem, os habitos de quasi todos, difficillimos de observar por causa dos escondrijos, onde se aninham, deram logar a espriar-se a imaginação, na falta de factos positivos, acerca das propriedades

destes entes, attribuindo-lhes as mais exquisitas e absurdas. O dragão, o cameleão, o crocodilo, a salamandra, e outros individuos congeneres justificam a nossa asserção.

A missão de um periodico incumbido de tractar as materias scientificas popularmente, deve ser não só explicar noções fundamentaes, e aclarar pontos controversos, mas tambem desarraigir erros e preconceitos populares. Assim o temos procurado fazer tractando neste jornal assumptos de historia natural, para irmos coherentes com o que expendemos nos dois artigos d'introdução a pag. 6, e 11 do 1.º volume. Nem se nos diga que as crenças, a que alludimos, só tiveram voga na antiguidade; por isso mesmo que são velhas, teem maior reputação entre os indoutos: a tradição as perpetuou; e nós temos ouvido pessoas, a quem por seu logar na sociedade deveriamos suppor maior somma de conhecimentos, contarem com toda a segurança as fabulas mais ridiculas sobre a historia da natureza: nem só o vulgo, tambem muitos que presumem não o ser, acreditam nellas, e muitas vezes só por falta de uma leitura escolhida.

Por occasião da nossa estampa cabe-nos hoje fallar d'um animal a quem a imaginação humana brindou com a mais estupenda propriedade. Apesar de ser constante que os corpos mais solidos não escapam á voracidade do fogo, houve quem affirmasse que uma pequena especie de lagarto não só permanecia illesa entre as chammas, mas até conseguia apaga-las. Es-

té conto era jocundo, foi por tanto muito applaudido, e acreditado; e com effeito, que cousa mais singular que um tenue animalejo tão privilegiado, tão superior ao mais activo agente da natureza, e que além disso fornecia tão lindas comparações á poesia, tão agradáveis emblemas ao amor, tão esplendidas divisas ao valor? — Os antigos creram nesta propriedade da salamandra; e desejando que a sua origem fosse tão estupenda como a sua faculdade, escreveram que ella era devedora da existencia ao mais puro dos elementos, que não podia consumi-la; chamaram-lhe filha do fogo, e deram-lhe ao mesmo tempo corpo de gelo. Outros mais modernos adoptaram este absurdo dos antigos; e como, uma vez ultrapassados os limites da verosimilhança, a carreira é desenfreada, chegaram até a suppor que a salamandra terrestre, ou saramantiga, era capaz de extinguir o lume mais violento. Charlatães houve que vendiam este pequeno e innocente lagarto, que arremçado ao maior incendio [diziam elles] lhe atalhava os progressos. Foi preciso que os naturalistas e os philosophos se dessem ao trabalho de provar mediante factos, o que bastava a rasão para demonstrar; e só quando o clarão da sciencia se diffundiu amplamente, foi amortecendo a crença, ainda não totalmente extincta, da singular propriedade da salamandra.

Este lagarto, muito commum em o nosso Portugal, onde a gente do campo toma por indicio de chuva o achar muitos fóra das tocas, tem pelos lados fileiras de tuberculos com buraquinhos, dos quaes resembra um liquido acre e pegajoso, quando o animal está em perigo, e que o faz nojento. Este humor, que a salamandra espreme posta sobre as brazas, mas que a não salva de ser a final queimada, deu logar á fabula que citámos, e tambem a julgarem que é peçonhenta; hoje porém está provado que o animal nem morde, nem é venenoso. Em algumas provincias de França chamam-lhe *pluvine*, da palavra latina *pluvia* [chuva], pela mesma rasão que allegam os nossos camponeses; e com effeito ella teme o calor do sol, que a mirraria, e só com tempo humido, e de noite, sae das tocas, onde se abriga, nos alicerces de paredes velhas. Nós a temos encontrado nestas occasiões nas ermidas abandonadas ou maltractadas, das povoações rusticas nas visinhanças desta capital.

Ha uma especie aquatica, a saramantiga d'agua [*lacerta palustris*], celebre pelas reiteradas experiencias dos infatigaveis observadores Spallanzani, e Bonnet, ácerca da sua espantosa força de reproducção: nascem-lhe os pés tantas vezes quantas lhos cortam com todos os seus ossos, musculos, vasos &c. — Omitimos outras particularidades especialmente interessantes para os naturalistas. [*]

A que se mostra em nossa gravura é a maior salamandra conhecida; é por isso gigante relativamente ás da sua especie, com tudo não passa de dezoito pollegadas de comprimento.

ZWINGLIO.

ULRICH Zwinglio nasceu em Wildenhaus, no condado de Toggenburgo, em 1448. Estudou humanidades com Henrique Wolflein, um dos homens mais eruditos daquella epocha. Seguiu o curso de philosophia em Vienna, donde voltou a Basilea; e ahí Wittenbach lhe ensinou theologia. Tomou ordens sacras, e pouco depois foi nomeado parochio no cantão de Glaris. Em 1512 acompanhou como capellão o exercito deste cantão que hia combater na Lombardia a

favor do papa contra os francezes. No fim da campanha, o papa, agradecido aos bons serviços de Zwinglio, fez-lhe mercê de uma pensão annual de 200 libras tornesas. Em 1516 prégava em Ensielden, abadia celebre, onde havia certa Imagem da Virgem, que a tornava logar de grande romagem. Foi aqui que estudou fundamentalmente a Escriptura Sagrada, e começou a trabalhar na reforma religiosa, em que, ao mesmo tempo, cuidava Martin Luthero. A sua sciencia, e erudição biblica, e as contestações que teve com o legado do papa, o fizeram notavel. Os de Zurich o chamaram, e lhe deram a cura d'almas da cathedral. Passou-se isto no anno de 1519, epocha celebrada hoje pela egreja de Zurich, como anniversario do seu jubileu de reforma. Com effeito, foi alli que elle lançou os fundamentos de um novo culto. Corria o povo em tropel a ouvi-lo. Bernardo Sansão, franciscano milanez, veio então á Suissa préggar as indulgencias: Zwinglio sóbe ao pulpito, e repete a scena de Luthero na universidade de Wittemberg: torna o culto mais simples, manda deitar abaixo as imagens dos sanctos, introduz a lingua vulgar na liturgia, préga contra a missa, annuncia, emfim, um novo evangelho. Algumas tentativas feitas pelo clero romano para se lhe oppor saem baldadas. Zwinglio escreve um symbolo de fé em 67 artigos, e offerece-se para disputar com quem quer que quizer entrar com elle na arena da controversia. Apresentaram-se os theologos em grande numero; disputaram por muitos dias, e tanto os catholicos como os reformados se retiraram apregoando victoria. Fosse o que fosse, os magistrados, depois destas theses decretaram a abolição da missa, da confissão auricular, e do culto das imagens. Pouco depois Zwinglio entrou a prégar contra o celibato, e, imitando a Luthero, cazou-se, tomando por mulher Anna Rhimart, viuva de Mayer, cidadão honrado de Knonow.

Em 1531 os cantões de Lucerna, de Schwitz, d'Uri, de Underwald e de Zug se uniram para atacar Zurich. Por ordem do Senado, Zwinglio acompanhou os seus compatriotas como capellão. Armado com uma facha d'armas, e com o elmo enlaçado, á frente dos de Zurich, chegou a Cappel. "Deus seja comvosco" disse Zwinglio aos seus compatriotas, quando se tocou a accommeter. — Foi sanguinolenta a peleja, e a victoria muito tempo disputada; mas os de Zurich tiveram de ceder ao numero. — Conhecido por alguns soldados de Lucerna, Zwinglio foi, sem piedade, assassinado. — Se quizesse, poderia facilmente ter evitado a morte. — "Reza uma Ave-Maria, lhe disseram os soldados inimigos, e te pouparemos a vida!" — Zwinglio, ouvindo isto, voltou a cara para a banda. — "Então morre, hereje damnado!" e coseram-no a punhaladas. Correndo no outro dia o campo de batalha, os vencedores deram com o cadaver do cura de Zurich, despiram-no, e começaram a clamar de todas as bandas "Julgue-se Zwinglio! — julgue-se o hereje!" — Alguns cabos de guerra se ajuntaram logo, e formaram uma especie de tribunal. Trouxeram o cadaver, que pozeram em pé, espécando-o, para não cair, com a lança de um soldado. Então um dos juizes fallou com o que fóra Zwinglio.

"Ulrich, não recebeste do padre sancto 60 goulds de prata? — Que lhes fizeste?"

"Malbarataram-se:" — responderam os soldados.

Um delles interrompeu o juiz. "Com vossa licença, senhor juiz: mestre Ulrich quebrou com suas proprias mãos as imagens dos nossos sanctos, e atirou ao chão com a milagrosa Virgem de Ensielden.

"Fogueira com elle!" clamou o tropel.

"Sim, vae ser queimado, proseguiu o juiz, fallando com o cadaver; porque atraçoaste o teu Deus;

(*) O conde de Lacepede fez das salamandras a 5.^a divisão do genero, os lagartos, da 1.^a classe de seus *quadrupedes oviparos*: muitos modernos as mettem nos *butracienses*.

porque aboliste a missa, e a confissão; e, emfim, porque com a tua facha nos feriste asperamente.”

“Fogueira com elle, fogueira com elle!” tornou a clamar a turbamulta.

Então o soldado que sustinha o cadaver com a ponta da lança, deixou-o baquear em terra, e accendeu-se uma fogueira em que o corpo do hereje foi reduzido a cinzas.

Os historiadores catholicos com razão reprovam esta impia e cruel farsa. Até alguns mostram pena por este reformador, que foi brando, e tolerante, e não teve nem o coração de pedra de Calvino, nem a cabeça destemperada de Lutero.

Na celebre jornada de Cappel morreram tambem o irmão, o filho, o genro, e o cunhado da viuva de Zwinglio.

AS EMPAREDADAS.

ENTRE as superstições que gerou a ignorancia dos seculos barbaros, algumas ha de tão curiosa especie, que ainda hoje despertam a attenção dos antiquarios: entre estas uma das mais notaveis é a das emparedadas.

Eram as emparedadas certas mulheres que, ou cansadas de dissoluções, ou afflictas por grandes desventuras, ou levadas por devoção exaggerada, se dedicavam inteiramente a uma vida de penitencia e contemplação. Mettiam-se estas mulheres n'uma estreita cella, cuja porta se entaipava de pedra e cal, deixando-se tão sómente uma pequena fresta, por onde se lhe ministrava o sustento, e por onde a *inclusa* se confessava e commungava. Esta porta só se abria por morte da penitente para a haverem de sepultar. Desde o 12.^o até o 15.^o se acham por toda a Europa noticias destas emparedadas. Em Portugal havia-as em Lisboa, em Santarem e em Coimbra. Em Lamego existiu uma no Claustro da Sé, e na Guarda e em Viseu ha memorias destas mulheres entaipadas. Mas onde parece ter sido mui frequente esta barbara usança foi na cidade do Porto. Eahi havia local particular para as *inclusas* ou *emparedadas de S. Nicolau* na Ferraria, onde hoje é o hospital da senhora da Silva.

No celebre romance de Victor Hugo, intitulado *Nossa-Senhora de Paris*, uma emparedada faz importantissimo papel, e não sendo a principal personagem da novella, é de certo, o character mais verdadeiro e puro no meio de tantos characteres absurdos e horrendos que ao auctor alli approve ajunctar.

PARTICULARIDADES RELATIVAS AOS COSTUMES DOS ANTIGOS PERSAS.

NINGUEM ha que não saiba que os antigos persas, sectarios de Zoroastro, reformador religioso que vivia no tempo de Cyro, seis seculos antes da nossa era, adoravam o fogo; porém o commum dos homens tem poucas noções particulares ácerca dos seus costumes, e até do seu culto.

Mantinhão nos templos o fogo sagrado, e a lei prohibia o aviva-lo com qualquer instrumento, e mesmo com o sopro dos labios. Este fogo devia arder perpetuamente; os reis e os grandes lhe lançavam para alimentá-lo os objectos mais preciosos, e cada persa eria fazer uma offerta grata á divindade sacrificando-lhe tambem parte do que possuia. Além do fogo sagrado cada casa devia conservar o seu fogo particular, e havia sacerdotes encarregados da inspecção geral de todos estes fogos. Outros sacerdotes tinham egualmente a inspecção das aguas publicas, e a religião punia com

a maior severidade as mais leves infracções do culto e do respeito devido aos elementos.

Como quasi todas as outras nações do Oriente, consideravam os cadaveres como impuros, pelo que se tornava difficilimo o fazer-lhes os funeraes, visto não poderem queima-los, nem enterra-los, nem mesmo lança-los á agua, sem polluir um elemento. Ora cada cidade possuia fóra dos muros duas altas torres de pedra, uma branca e outra negra, e estas duas torres cobertas com suas plata-fórmãs eram jazigo dos mortos. Tinham o cuidado de conservar n'aquelles sitios muitos abutres e corvos, que preveniam a infecção devorando os corpos mal eram expostos, e a construcção das plata-formas, que eram ôccas no centro, permittia que alli sepultassem as ossadas.

Cada persa era julgado depois de morto, e aos sacerdotes tocava de ordinario proferir a sentença, o que poderosamente deveria concorrer para estabelecer e conservar-lhes o credito. Se declaravam o defuncto virtuoso e fallecido no estado de graça expunham-o na torre branca; mas se a sentença lhe era desfavoravel, ia para a torre negra.

Todavia, não julgavam que das sentenças dos sacerdotes dependesse necessariamente a absolvição ou condemnação divina. Os persas criam que o Ente Supremo só julgava o morto tres dias depois de exhalar o derradeiro suspiro; e além disso tinham fé na efficacia das orações dirigidas a Deus em seu favor, e nos tres dias que decorriam entre a morte e o juizo divino os parentes e amigos do defuncto não cessavam de interceder por elle. Suppunham a alma errante neste periodo no fim do qual os anjos lhe annunciavam a sentença. De resto não olhavam a morte como um mal, e eram prohibidos os chóros e lamentos.

O sacrificio da barba, quando morria algum chefe ou pae de familia, acompanhava o lucto, que communmente durava apenas os tres dias dos funeraes, e que era azul ou preto. Neste caso os signaes de dó podiam durar mais tempo; esfregavam a cabeça com terra, e podiam até lançar pó por cima de todo o corpo, o que denotava a maior afflicção. Uma demonstração singular de lucto, usada pelos grandes consistia em sellar ás avessas os cavallos.

Acabavam as ceremonias funebres com um grande banquete em honra do defuncto, e como, graças ás orações ou ás sentenças sacerdotaes, o suppunham de ordinario logrando a eterna felicidade, reinava o prazer neste banquete.

MAXIMAS DE FRANKLIN.

FRANKLIN tinha por norma do seu procedimento as treze maximas seguintes; e é vulgarmente sabido que este philosopho foi um dos homens da moderna Europa mais celebre por suas virtudes.

Temperança. — Em occasião nenhuma comas por tal modo que chegues a sentir-te incommodado; nem bebas a ponto de perder a razão.

Silencio. — Não falles senão em materias de que possas tu, ou possam os outros colher utilidade: evita quanto poderes as conversações frivolas.

Ordem. — Dá a cada cousa logar certo: a cada negocio tempo determinado.

Resolução. — Quando tomares resolução ácerca de qualquer cousa, toma-a firmemente e por uma vez; e nunca faltes ás tuas promessas.

Economia. — Não gastes o teu dinheiro senão em cousas de utilidade tua ou alheia; isto é, gosa mas não desperdices.

Trabalho. — Não percas o tempo: occupa-te sem-

pre em alguma cousa util: abstem-te de qualquer acção desnecessaria.

Sinceridade. — Evita os subterfugios: pensa sempre com innocencia e justiça, e diz sempre o que pensas.

Justiça. — Não offendas a ninguem, não só evitando-lhe qualquer damno, mas fazendo-lhe o bem que poderes.

Moderação. — Fôge dos extremos; isto é, usa, mas não abuses: sente o bem e o mal conforme a tua razão te disser que elles o merecem.

Accio. — Não desprezes a obrigação que tens de cuidar na conservação da limpeza e arranjo do teu corpo, casa, e vestuario.

Tranquilidade. — Não tomes a peito bagatellas, ou acontecimentos ordinarios e inevitaveis.

Continencia. — Abstem-te do excesso nos prazeres sensuaes.

Humildade. — Toma por modello desta virtude a Christo e a Socrates.

O PREGADOR.

ASSISTINDO certa vez o vice-rei da India D. Francisco Coutinho, homem de extremada graça, a um sermão de quaesma na cathedral de Goa, o prégador, que era frade, se espraçou em reprehensões contra a falta que havia de justiça. D'ahi a poucos dias foram dois frades, da mesma ordem do prégador, levar ao vice-rei uma petição em que requeriam cousa que era notoriamente injusta. Pegou immediatamente D. Francisco Coutinho na penna, e poz-lhe o seguinte despacho: — *Haja vista o padre prégador de Domingo, e juncta ao sermão volte.* E' claro que os frades não foram buscar nem a informação, nem o documento, e que tiveram de se accomodar com o despacho.

QUANTO VALE A INGLATERRA.

AS PROPRIEDADES particulares da Inglaterra e do paiz de Galles estão avaliadas em 2:428:900:000 libras esterlinas, as de Escocia em 369:400:000 lib. sterl., e as de Irlanda em 738:500:000 lib. sterl., o que forma o total de 3:575:700:000 lib. sterl. D'outra parte as propriedades publicas foram avaliadas, em Inglaterra e no paiz de Galles, em 42:000:000 lib. sterl., na Escocia em 3:900:000 lib. sterl., e na Irlanda em 11:900:000 lib. sterl. Se a isto ajunctarmos o valor, tomado em grosso, dos estalleiros, arsenaes, e armazens de victualhas e de artilharia, será o total dos bens nacionaes da Grã-Bretanha e Irlanda igual á somma de 103:800:000 lib. sterl. Deste modo o capital publico e particular dos tres reinos unidos pode-se avaliar em 3:679:500:000 lib. sterl. ou [dando á libra sterlina o valor de 4:000 réis] em 14:718:000 contos de réis, ou 36:795 milhões de cruzados. Este capital espantoso, empregado por um povo laborioso e adiantadissimo na industria, e combinado com as forças animadas e inanimadas do paiz, produz todos os annos um novo capital de 514:423:359 lib. sterl. ou 5:144 milhões de crusados, pouco mais ou menos.

Embora vos accussem, vos condemnem, vos prendam, e vos enforcem; publicae sempre os vossos pensamentos. O faze-lo não é um direito; mas um dever; obrigação restricta é, para todos os que teem idéas, o communica-las aos outros, para o bem commun. A verdade inteira pertence a todos: o que entenderdes que é util, podeis sem receio publica-lo.

Jenner, que achou a vaccina, seria um acabado patife, se guardasse segredo sobre isto uma só hora que fosse; e como não ha ninguem que não creia que as suas idéas são proveitosas, ninguem deixa de ser obrigado a communica-las, e espalha-las por todos os meios possiveis. — *P. L. Courier.*

HABILIDADE DE ALEIJADOS.

TEM causado grande espanto em Paris um pintor chamado Ducornet, privado dos braços, que apresentou em varias exposições do Louvre quadros pintados por elle com os pés. Estes quadros posto que já admiraveis pelo modo por que foram feitos, o são ainda mais pela perfeição com que são acabados. Este argumento de paciencia e do engenho não é unico. No seculo 17.^o havia um esculptor italiano, natural de Cambassi na Toscana, que era cego; apesar do que fazia retratos de relevo em cêra extremamente parecidos. Para isto apalpava miudamente o rosto do original, e começava a trabalhar na cêra, repetindo successivamente as apalpadellas até acabar a obra. O duque de Braciano, duvidando de que o artista fosse absolutamente cego, fez com que elle o retratasse n'um subterraneo escurissimo, e o retrato saíu grandemente parecido. *Piles* no seu *Curso de Pintura por principios* diz ter visto retratos de Carlos 1.^o d'Inglaterra, e do papa Urbano 8.^o copiados do marmore por este maravilhoso esculptor, e affirma serem inteiramente semelhantes. Quando copiava do vivo, dizia elle, que o que mais lhe custava era a fazer os cabellos; porque quando os apalpava cediam á pressão dos dedos.

Citaremos um escriptor nosso, homem grave e de reconhecida veracidade, que nos deixou mais outras provas do engenho de pessoas, a quem a natureza, ou algum infeliz successo privou do uso das mãos. E' este escriptor o nosso Fr. João dos Sanctos, cujo testemunho não será de desprezar.

“ Neste caminho [em Sofala] vimos, diz elle, um cafre que nasceu aleijado, sem o braço esquerdo; mas a natureza que lhe negou este membro tão necessario, lhe deu tal habilidade, que logo de pequeno se costumou a trabalhar com a mão direita e com o pé esquerdo em logar da mão esquerda, de tal maneira, que fazia, com estes membros tão disparatos, tudo aquillo que podia fazer qualquer pessoa com duas mãos, porque fazia escudellas de pau, e tecia esteiras de palha, com que ganhava a vida. . . . Não espantará isto aos que tiverem noticia de um aleijado que houve na villa de Montemór o novo, em nossos tempos, chamado Francisco Dias, o qual nasceu sem braços, e desta maneira se costumou logo de sua tenra idade a servir, e usar dos pés em logar das mãos que não tinha, e com elles comia, bebia, jogava cartas, enfiava uma agulha, e fazia tão boa letra que tinha eschola, em que ensinava muitos moços a lêr e escrever, com que ganhava sua vida, com os pés aparava pennas, agoutava os moços, e lhes dava palmatuadas, servindo-se em todas estas cousas com o dedo pollegar e index do pé direito, de maneira que todas as cousas, que se podem fazer com as mãos, fazia elle com os pés mui perfeitamente, os quaes trazia mettidos em umas chinellas, e aparelhados para lhe servirem de mãos. ”

NEVE VERMELHA.

A cor natural da neve, como todos sabem, é um branco resplandecente que não tem igual, e que só

a si mesmo se póde comparar. Substancias estranhas, comtudo, a tingem ás vezes de amarello ou de vermelho: o amarello é devido ao pó que cae dos pinheiros e dos abetos: o vermelho tem dado que pensar aos naturalistas modernos. Segundo observações feitas nos Pyrenéus, nos Alpes, e na Bahia de Baffin, parece estar provado que a cor da neve vermelha provém de certos cogumellos que se dão na neve, e a que por isso os naturalistas chamam cogumello nivoso. Sobre esta materia se tem escripto muito, não só em obras geraes, mas tambem em tractados especiaes consagrados a elucidar este phenomeno.

Se as neves destas altas latitudes tem plantas que lhes são proprias, não seria possivel que o nosso satellite [a Lua], que se reputa ser um corpo gelado, esteril e deserto, fosse habitado por entes organisados, quer sejam animaes, quer sejam vegetaes, susceptiveis de viverem ou crescerem na superficie da Lua, quasi sem calor, e quasi sem atmospherá?

Se não houvesse o ferro, o iman não se voltaria para elle: assim, se não houvesse outra vida, os nossos desejos não iriam apoz della. — *Ed. Richer.*

Mancira de gravar em aço com uma penna. — Aquece-se a folha d'uma faca, d'uma espada, etc.; esfrega-se com cêra branca, de maneira que fique coberta d'uma camada bem igual, de quasi meia linha de grossura. Escreve-se então com uma penna sobre a cêra de maneira que os traços cheguem ao aço. Derrama-se por cima da gravura um pouco de vinagre que se salpica de *deuto-chlorureto de mercúrio* [sublimado corrosivo]. Dois minutos depois expõe-se a folha ao calor para lhe tirar a cêra, e apparece mui distinctamente a gravura sobre a lamina.

Conservação das carnes. — Os cortadores, na Suissa, costumam esfregar as paredes e as madeiras das suas lojas com oleo de louro para preservar a carne das moscas e da corrupção. Este processo simples e pouco dispendioso, faz-se muitissimo recommendavel.

ETYMOLOGIA DE MARÇO.

QUANDO Romulo estabeleceu o calendario para a sua recém-fundada cidade dividiu o anno em dez mezes, e chamou ao primeiro *Martius* de Marte, nume da guerra, de quem se intitulava filho. O seu successor, Numa Pompilio, acrescentou os mezes de Janeiro e Fevereiro, e deixando Março em terceiro lugar tirou-lhe a honra de capitanear o anno, como em outra parte dissemos [*], Março, apesar da origem do seu nome, era especialmente consagrado a Minerva; e nas calendas deste mez celebrava o paganismo muitas das suas ceremonias pela primeira vez no anno; nomeadamente o accender o novo fogo no altar de Vesta: No entanto os romanos o reputavam sinistro para a celebração dos matrimonios.

SEMANARIO HISTÓRICO.

Annos
de
J. C.

Fevereiro 25

1559 — Morte da rainha D. Leonor, primeira mulher d'elrei D. Manuel.

1526 — Lopo Vaz de Sampaio governador da India, accomette no rio de Bacanor a armada do Camorim, capitaneada por Cutiale. Os mourós

estavam fortificados em terra, onde tinham 10:000 homens, com baterias que defendiam a entrada do rio. Os portuguezes destroem as fortificações, derrotam os inimigos, e queimam-lhes a armada.

1641 — Elrei de Pam e os holandezes accomettem e tomam a nossa cidade de Malaca, fundada pelo grande Affonso d'Albuquerque.

26

1525 — D. Henriques de Menezes destroe a cidade de Panane na costa do Malabar.

1561 — Morre o celebre poeta portuguez Jorge de Montemor, auctor da *Diana*.

27

1500 — Nasce D. João de Castro.

1510 — Conquista Affonso de Albuquerque, pela primeira vez a cidade de Goa.

1617 — Morre Fr. Bernardo de Brito auctor da 1.^a e 2.^a parte da Monarchia Lusitana, da chronica de Cister, e de outras obras. E' louvado pelo seu bom estilo, e reprehendido pela sua muita credulidade.

1666 — Morte da rainha D. Luiza, mulher d'elrei D. João 4.^o

28

1498 — Descobre Vasco da Gama a ilha de Moçambique.

1514 — Recebe elrei D. Manuel em Lisboa o embaixador do imperador dos Abexins, chamado vulgarmente o Preste-João.

1582 — Morte do poeta e historiador escocez Jorge Buchanan, um dos professores mandados buscar por D. João 3.^o para a restauração da Universidade de Coimbra, e que foi obrigado depois a sair de Portugal por causa das suas opiniões religiosas. Compoz, em vingança, um notavel poema latino contra os frades.

Março 1

1476 — Batalha de Touro entre os portuguezes e castelhanos. Elrei D. Affonso 5.^o, que mandava o grosso da gente portugueza, foi desbaratado pelos inimigos, e o principe D. João, seu filho, [depois D. João 2.^o] rompeu e destroçou a cavallaria castelhana, capitaneada por D. Alvaro de Mendoga, e ficou em o campo de batalha até a noite. Dos encontrados successos desta jornada tiraram ambas as nações argumento para attribuirem a si a victoria.

1815 — Napoleão tendo saído da ilha d'Elba acompanhado de 900 soldados veteranos, desembarca no golfo de Jouan, perto de Cannes, departamento de Var.

2

1614 — Gaspar de Mello e Sampaio, toma e queima a cidade de Pôr a 40 leguas de Diu.

1711 — Morte do verzejador francez Boileau.

1788 — Morte do poeta allemão Gessner.

3

1613 — Rui Freire de Andrade derrota o rei das Sarcetas, que fazia continuas correrias até as portas da nossa praça de Damão.

Escriptorio da Direcção da Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Uteis, Rua do Arsenal N.^o 55 = 1.^o andar.

LISBOA — NA TYPOGRAPHIA DA SOCIEDADE.

(*) Panorama n.^o 36 — pag. 5 do vol. 2.^o